

Uma inspiração para a fenomenologia na Educação Física: resenha do livro Ensinar-Aprender Fenomenologia

RESUMO

Esta resenha se dedica a apresentar o livro Ensinar-Aprender Fenomenologia, de Eduardo Marandola Júnior, para a área da Educação Física. Propondo-se a discutir a fenomenologia, o autor acredita que essa perspectiva contribui para um questionamento da racionalidade e da metafísica que acometem o pensar moderno. Assim, busca-se, para além de explicar, compreender os fenômenos a partir da situacionalidade da pesquisa, fundando todo o conhecimento no desvelamento hermenêutico propiciado pela experiência vivida - e não se guiando por conceitos desconectados do terreno que se realiza. Surge, portanto, como via para a realização das pesquisas na Educação Física que busquem alternativas para a dualidade metafísica do pensamento moderno, aceitando a mundanidade (Heidegger) e corporeidade (Merleau-Ponty) que enovelam a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade; Educação física; Metodologia científica; Pedagogia do esporte; Abordagem fenomenológica

Gabriel Orega Sandoval

Mestre

Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Educação Física,
Campinas, SP, Brasil

g216386@dac.unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1136-477X>

Alcides José Scaglia

Doutor

Universidade Estadual de Campinas,
Faculdade de Ciências Aplicadas,
Limeira, SP, Brasil

scaglia@unicamp.br

<https://orcid.org/0000-0003-1462-1783>

An inspiration for phenomenology in Physical Education: review of the book Ensinar-Aprender Fenomenologia

ABSTRACT

This review presents Eduardo Marandola Júnior's book "Teaching-Learning Phenomenology" for the field of Physical Education. By discussing phenomenology, the author believes this perspective contributes to questioning the rationality and metaphysics that plague modern thought. Thus, the aim is not only to explain but also to understand phenomena from the context of the research, grounding all knowledge in the hermeneutic unveiling afforded by lived experience—rather than being guided by concepts disconnected from the field in which it is conducted. It therefore emerges as a path for conducting Physical Education research that seeks alternatives to the metaphysical duality of modern thought, accepting the worldliness (Heidegger) and corporeality (Merleau-Ponty) that entangle research.

KEYWORDS: Corporeality; Physical education; Scientific methodology; Sports pedagogy; Phenomenological approach

Una inspiración para la fenomenología en Educación Física: reseña del libro Ensinar-Aprender Fenomenologia

RESUMEN

Esta reseña presenta el libro de Eduardo Marandola Júnior "Enseñanza-Aprendizaje de la Fenomenología" para el campo de la Educación Física. Al abordar la fenomenología, el autor considera que esta perspectiva contribuye a cuestionar la racionalidad y la metafísica que impregnan el pensamiento moderno. Por lo tanto, el objetivo no es solo explicar, sino también comprender los fenómenos desde el contexto de la investigación, fundamentando todo el conocimiento en la revelación hermenéutica que ofrece la experiencia vivida, en lugar de guiarse por conceptos ajenos al campo en el que se desarrolla. Surge, por lo tanto, como una vía para la investigación en Educación Física que busca alternativas a la dualidad metafísica del pensamiento moderno, aceptando la mundanidad (Heidegger) y la corporeidad (Merleau-Ponty) que envuelven la investigación.

PALABRAS-CLAVE: Corporeidad; Educación física; Metodología científica; Pedagogía deportiva; Enfoque fenomenológico

INTRODUÇÃO

A fenomenologia é um ramo da filosofia que emerge, no fim do século 19, a partir da crise das ciências. Edmund Husserl, seu fundador, buscava encontrar uma filosofia realmente rigorosa, no momento em que a experiência, desprovida de conceitos e significados, fosse capaz de descrever o fenômeno presenciado. Depois disso, diversos autores surgem, direcionando a fenomenologia para os temas mais diversos: Heidegger trabalha com o Ser, Merleau-Ponty com o corpo e Sartre com a liberdade. A questão, todavia, comum a todos eles, é a chegada de uma perspectiva na filosofia (capaz de se desdobrar para a ciência posteriormente) que se pauta na intencionalidade da consciência envolvida com o mundo – e não dualizada com ele como sugere o pensamento cartesiano.

Na Educação Física (EF), a fenomenologia se estabelece nos anos 1990 como via. Como relata Almeida et al. (2013), Silvano Santin e Manuel Sérgio já traziam, sob a perspectiva da filosofia, essas discussões para a EF, quando, inspirado por Hugo Assmann e Joel Martins, psicólogo precursor da abordagem no Brasil, Wagner Wey Moreira foi um dos primeiros a defender uma tese com essa abordagem (BELO; MERCADO, 2022; MOREIRA, 2025; ROACH, 2008), orientando, posteriormente, pesquisadoras como Vilma Leni Nista-Piccolo e Terezinha Petrucia da Nóbrega. Além desses(as) autores(as), a trajetória de Elenor Kunz deve ser realçada: descobriu a fenomenologia na Alemanha, quando foi orientado por Andreas Trebels, impactando o cenário da EF brasileira em sua volta (ALMEIDA et al., 2013).

Por mais disseminado que esteja, como é possível notar, a fenomenologia na Educação Física apresenta, em muitos casos, um enquadramento de seus conceitos nas necessidades metodológicas da ciência, como percebemos em análises ideográficas, que supõe categorizações das experiências, contrapondo-se à própria ideia concebida pelos fenomenólogos em seus primórdios – a de que é pela experiência vivida que o conhecimento é formulado e não pela relação metafísica com o mundo. Isso é o que ensina nas disciplinas, cursos de extensão e conversas informais Eduardo Marandola Jr., doutor em Geografia, e professor titular da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Ele se propõe a pensar a abordagem fenomenológica na ciência em interface com os filósofos que a constituíram. Diante disso, prospectamos, com essa resenha, que seu mais recente livro, *Ensinar-Aprender Fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência*, publicado pela Cancioneiro, em 2024, em uma linha parecida com a forma de pensar a fenomenologia de Dulce Mara Critelli e Terezinha Petrucia da Nóbrega, por exemplo, consolide uma perspectiva que assuma a

fenomenologia nos trabalhos da Educação Física, sem a necessidade de recorrer à metafísica, ao passo que entende que na experiência envolvente com o mundo, assumindo a situacionalidade do(a) pesquisador(a), haja a possibilidade de florescer um conhecimento.

O livro surge como material para os alunos carentes de obras sobre o tema e como desdobramento de tantos cursos oferecidos. Marandola Jr relata que o envolvimento com esses cursos, precedidos pela angustiante solidão do tema em sua área, realçaram a necessidade de, longe de ser um compêndio metodológico, apresentar os caminhos possíveis da fenomenologia na ciência. Assim, ressalta que a fenomenologia deve ser lida a partir de sua interdisciplinaridade (e não exclusivamente sob o mantra da filosofia), necessita aceitar a centralidade da experiência da pesquisa para além da empiria, com isso, cessar a dualização sujeito-objetivo: para ele o fazer fenomenológico está atrelado ao geográfico como modo-de-ser. Somado a isso, é necessário lidar, nessa dimensão, com a barreira da linguagem, e, por fim, entendê-la como pensamento vivo e situado, o que é diametralmente oposto de impor sentido ao presenciado – isso seria funcionalizá-la em favor da colonização.

No primeiro capítulo, denominado *Andarilho-conversante: caminhar para se perder*, investe na relação da fenomenologia com os clássicos. Não é pensando na noção cronológica que se explica o olhar de Marandola, mas a fenomenologia, como filosofia do século XX, se inclina para o ancestral, situando-o ou aterrando-o no contemporâneo. Ao tratar disso, retoma sua leitura dos “clássicos” da fenomenologia, realçando as poucas obras da geografia sobre o tema e o ínfimo impacto na área, relatando sua hipótese: “eles propunham uma nova epistemologia, mas esta não conseguia se constituir enquanto prática de investigação, o que colocava limites e dúvidas quanto às suas contribuições” (MARANDOLA JR, 2024, p.32). Pode-se pensar aproximações com a EF, nesse sentido, uma vez que, apesar dos estudiosos que se tenha, há uma nebulosidade em sua realização, dada a diversidade de direções metodológicas em teses e dissertações realizadas sob essa perspectiva – um exemplo é a divergência do norteamento que seguem Marques da Silva *et al.* (2023) e Hackerott *et al.* (2024a). Como desdobramento, Marandola Jr ataca o porquê: a fenomenologia se constitui na experiência mundana. Sem o anseio por um conhecimento puro e racional, há a pretensão pelo conhecimento gerado na situação – o que causa um certo estranhamento.

Para explicitar essa posição, traz dois personagens: o andarilho e o conversante. O andarilho é a metáfora que expressa o fim da dualidade pesquisador(a)-pesquisado(a), na medida em que serve de inspiração para se realizar a pesquisa quando se abre para a descoberta, para o fenômeno manifestado no seu tempo. Assim, o conhecimento advém do ser-e-estar-no-mundo – e não da consciência. Nessa seara, o autor conta ter levado seus alunos e suas alunas para um passeio e

questionados a contar sobre o que viram: as respostas estão atreladas à explicação e não a uma assunção do arrebate da paisagem. Recusam-se a ser andarilhos(as), ao passo que o conhecimento volitivo e sensível não é aflorado, mas aquele que, segundo ele, Merleau-Ponty trouxe como visão de sobrevoo. Com isso, a grande contribuição do andarilho é fomentar a mundanidade, situacionalidade, ou corporalidade na construção de conceitos, culminando no que ele chama de arqueologia fenomenológica: uma descrição existencial do vivido.

Além de se relacionar com a paisagem, o encontro com o outro é também via para a sacramentação da fenomenologia. O(a) conversante(a) é aquele(a) que vive no espaço limoso, do aparecimento, do desvelamento, do jogo. Dessa maneira, portanto, que surgem as experiências e se tornam importantes na descrição para compreender a situacionalidade – não na racionalidade de roteiros prontos, mas naquela que aceita o arrebatado do imprevisível. Nesse cenário, há uma dupla circunstancialidade evocada: “a da experiência do conversante (sua história e espaço de vida) e da própria conversa (o pesquisador em relação com o conversante)” (MARANDOLA JR, 2024, p.77). Ou seja, a própria narrativa revela os elementos para compreender a experiência, fugindo da relação causal exterior. “Andarilho e Conversante, por fim, são caminhos para se perder. Personagens-conceituais sem fim. Meios” (MARANDOLA JR, 2024, p.80).

Quantas entrevistas são feitas na Educação Física (EF), mas que desconsideram o conhecimento forjado em seu acontecer, que o roteiro se torna inibidor de experiências, que sua operacionalização contribui para uma relação de pesquisador-pesquisado? Diante de tal perspectiva, a fenomenologia, ao passo que não dualiza sujeito e objeto, não tem, também, receio dos sentimentos e sensações que aparecem no decorrer do trabalho – acredita, inclusive, que é aí que o conhecimento pode ser gestado.

Como desdobramento, Marandola Jr inicia o capítulo *Crise e paráfrase* realçando o percurso da ciência no século XX. Diz que seu sucesso está atrelado à uniformização do conceito de humanidade desenvolvida pela Europa moderna, escancarando seu caráter colonizatório. Assim, “materializou o universalismo, a escala planetária, a noção de humanidade, a compreensão do relativismo como detalhe: tudo estando na mesma ordem, no mesmo espaço-tempo (terrestre), podendo (e devendo) ser subjugado a esta própria ordem” (MARANDOLA JR, 2024, p.82). A questão, porém, é seu desdobramento como crise: todo seu progresso culminou em guerras, fome, miséria e preconceitos. É nessa seara que urge a fenomenologia na obra de Edmund Husserl: a necessidade de refundar a ciência. Como? Retomando ao mundo-da-vida, sob uma perspectiva antipredicativa e antimetafísica. Por isso, enquadrá-la no âmbito metodológico é perder sua potência: uma nova ciência deve ser evocada – aquela que se direciona aos “sentidos situados intencionalmente vivenciados” (MARANDOLA JR, 2024, p.88).

De tal maneira, retoma os mais importantes fenomenólogos a fim de evocar uma discussão. Ressalta, de primeira, a importância de Maurice Merleau-Ponty nesse processo. O autor francês, revendo a intelectualidade que conceitua Descartes, propõe um pensamento que se situe no corpo – desatrelando-o de uma objetividade moderna. O corpo, assim, passa a ser pensado como inacabado e existencial – caracterização que se faz à própria fenomenologia. Em diálogo, retoma a importância do caminhar em Martin Heidegger, constituindo o pensar como marca da experiência. Por isso, em sua obra o ser deve ser, sempre, “pastor do ser”, possibilidade inerente de abertura para o presentear-se da existencialidade mundana. A ciência, assim, deixa de fixar o mundo, intervir ou elaborá-lo. Ela descreve sua manifestação, compreendendo-o a partir da vigência de sentido. Ela acontece, é movimento e imprecisão. Nessa seara, associa-se ao pensamento noturno de Gaston Bachelard: aquele que se associa aos sonhos nebulosos, diferente da racionalidade que evoca o dia. Usa da fenomenologia, portanto, como forma de evocar imagens numa dimensão poética, refugiando-se da representação, exercendo, por outro lado, criação – promove uma noção fenomenológica da memória.

Ao apresentar esses autores, questiona: onde está a fenomenologia? Na claridade do dia ou na escuridão noturna? Seria a fenomenologia uma alternativa de conceito claro? A conclusão, entretanto, não radicaliza nos polos possíveis de resposta: a fenomenologia, como rompimento do pensamento metafísico tradicional (algo que, segundo ele, mostra-se mais forte em Heidegger e Merleau-Ponty), é “lusco-fusco: nem dia, nem noite, como incompletude” (MARANDOLA JR, 2024, p.104), espaço de trilhas e bifurcações – o que Critelli (1996) realçou como angústia.

Dada a consideração que fenomenologia é ciência, como todas essas questões encontram-se no trabalho de campo? Como alguém oriundo da Geografia, muitas das explicações deixadas revelam sua aproximação inerente com sua origem. O autor entende que a legitimação de um trabalho fenomenológico depende das muitas experiências que se pode ter com o campo: da vida diária, intersubjetiva e geográfica. “A experiência do pesquisador, portanto, não está desvinculada de tais experiências. É sobretudo na condição de ser-no-mundo que podemos cogitar nos propor a inquirir um fenômeno, ou seja, perguntar-se por seu sentido, em sua proximidade e presença” (Marandola Jr, 2024, p.107). Por isso, a atitude fenomenológica que ressalta Husserl depende da atitude natural – a do cotidiano. Por conseguinte, “tudo é, sendo parte de seu interesse e campo de atenção, o que torna recorrente a necessidade de nossa inserção (experiência e existência) neste mundo. Sem isso, não seria possível compreender nada daquilo que investigamos” (MARANDOLA JR, 2024, p.108)

Para isso, a descrição – “ação intencional de abrir-se ao mundo” (MARANDOLA JR, 2024, p.110) – é condição *sine qua non* para elaboração da experiência, uma vez que a paisagem não é

somente descrita pelo(a) pesquisador(a), também se descreve por meio dele(a). A relação com a Arte é também marca, uma vez que se a experiência é relevante, ela também está presente em um conhecimento circunstancializado. Daí, inclusive, que surge a questão: uma escrita poética pode ser mais do que uma simples elocubração? Evidentemente, deve ser, na medida em que se deixa levar pela experiência, aceitando a fissura na familiaridade e não se imobilizando com o inapreensível.

Por isso, lembra-se: há uma mútua doação na relação com o mundo, assim considera-se a pesquisa na interlocução entre um Eu-tu e não um Eu-isso (o outro como objeto). Como romper com a visão objetivista? Segundo o autor, aceitando e vinculando-se ao ordinário, realçando os sentidos dos lugares na existência, dentro da temporalidade, como circunstancialidade, como composição do método – e não fim –, como experiência geográfica marcada pela geograficidade, ou seja, como modo de existência na medida em que o lugar nunca é estrangeiro. Isso porque a relação com o mundo se dá na compreensão, ou melhor, é hermenêutica: o que se nomeia e o que se escreve relaciona-se, respectivamente, na produção de sentido, através da escuta e desvelamento, possibilidade de pensar. Tal definição se dá por uma razão elementar: a hermenêutica é ontológica, afinal a relação com o mundo não é negociável. Hermenêutica é o saber dos modos das coisas acontecerem, perguntando-se – e não aceitando – repetidamente a cada significação. “Trata-se de um movimento de situar e criar, dialeticamente, o conhecimento, a partir da experiência hermenêutica” (MARANDOLA JR, 2024, p.127). Nisso, a palavra surge como presentificação, como sentido hermenêutico do ser-no-mundo.

Nesse momento, lembremos da discussões teóricas e metodológicas que circundam a Pedagogia do Esporte. Se, a partir das tendências emergentes, por exemplo, busca-se centralizar o(a) aluno(a) no centro do processo, concebendo o aprendizado na interação com o jogo, aceitando e trabalhando com suas especificidades nesse ambiente (AQUINO; MENEZES, 2022; BETTEGA *et al.*, 2021; GALATTI *et al.*, 2014), por que no momento de fazer pesquisas pautamo-nos na modernidade, ao passo que, distante do envolvimento do jogador com o jogo, não nos misturamos com a pesquisa, pautamos, para isso, nosso olhar a partir conceitos universais que, distantes de nosso contexto, pouco se aproxima do que sentimos no nosso fazer, ou seja, seguindo as bases de um pensamento que nosso plano de aula, justamente, mais busca fugir?

No começo do capítulo *Situacionalidade; hermenêuticas políticas do corpo-terra*, Marandola Jr segue, agora aprofundando-se na situacionalidade inerente da perspectiva fenomenológica. Para isso, costura os conceitos trabalhados com o curso que oferece periodicamente sobre a epistemologia do pensamento fenomenológico. Utiliza epistemologia no título para realçar a complexidade da fenomenologia, ao mesmo tempo em que provoca, uma vez que, segunda Heidegger, a questão aqui é mais ontológica do que epistemológica. De início, nessa

condição, afirma que fenomenologia não é a certeza e lucidez peremptória, mas um estado de orientação-desorientação, um ainda hesitante despertar. Isso porque, como já dito, a fenomenologia é uma via ao pensamento moderno. Sua maior diferença é o conhecimento estar na relação com o mundo, “nem no sujeito, nem no objeto, a Fenomenologia (em sua multiplicidade) assume que não há conhecimento a priori, nem a posteriori. É por isso que ela nos abre a possibilidade de um conhecimento vivo, do mundo-da-vida” (MARANDOLA JR, 2024, p.132). Assim, não recorre a ideias baseadas em representações, em conceitos pré-concebidos, impossibilitando uma relação originária com o fenômeno. “O mundo, como vida e experiência, é originário: os conceitos científicos são representações” (MARANDOLA JR, 2024, p.133). Daí a necessidade da *époché*, suspendendo o que se sabe para, na peculiaridade temporal e espacial, o conhecimento surgir no acontecer. “O conhecimento é experiencial e existencial; é intencional e volitivo; é circunstancial e relativo; é um acontecer fenomênico” (MARANDOLA JR, 2024, p.132).

Tal visão se fundamenta naquilo que Heidegger entende por pensar. Para ele, essa ação não se aloca na dimensão da razão (como sugere Kant), mas no colocar-se a caminho, realçando um ontologia hermenêutica. Por isso, a tão falada geograficidade: é a assunção da ontológica relação com o mundo que se consagra o caminho de volta às coisas mesmas, possibilitadas pela *époché*. Nessa direção, o autor ressalta duas orientações necessárias: política e situada. Para legitimar a fenomenologia, urge a necessidade de, politicamente, exaltar uma forma de conceber o mundo diferente daquelas duas que a modernidade forçou, “pois implica uma compreensão do sentido social do conhecimento e da criação de circunstâncias de mediação, encontro, reunião e circulação entre entes e entre os entes e o Ser” (MARANDOLA JR, 2024, p.141). Assim, a situacionalidade emerge como hermenêutica da facticidade, ou seja, um conhecimento “aterrado, situado, comprometido com nossa historicidade e nossa geograficidade” (MARANDOLA JR, 2024, p.138). “Nesse sentido, pensar em termos de seres-em-situação, como corpo-Terra (corpo-mundo) é uma possibilidade de situar o pensamento, negando sua absolutização e assumindo sua Fenomenologia” (MARANDOLA JR, 2024, p.140). Faz um apanhado dessas ideias: é a virada pós-metafísica heideggeriana, assim como a visão de sua “ciência que não pensa” e da “ciência objetivante” de Husserl que fundamentam um sentir encarnado, marcado pelo afeto, pelo gosto, pela poética: uma ciência existencial que parte da experiência.

Experiência, essa, que dialoga diretamente com a hermenêutica. Hermenêutica é a busca do sentido: o não-compreendido, por meio da interpretação, tornando-se compreendido. Heidegger tempera essa questão com a noção de Ser, convertendo-a em ontologia. “Hermenêutica é, assim, compreender o Ser, sendo” (MARANDOLA JR, 2024, p.144), dentro de uma circunstancialidade, evoca em desvelamento “que é, hermeneuticamente, um nomenar” (MARANDOLA JR, 2024,

p.144). É fundamental, para isso, entender espacialidade e hermenêutica em união. Espaço como forma-de-ser, hermenêutica como possibilidade de compreensão. Em encontro: a circunstancialidade fundada na topologia da compreensão. Como isso se dá? Nomeando. Por meio da hermenêutica, nomeia-se quando, no manifestar das coisas, compreende-se na descrição do fenômeno – o que não exige de ser, também, interpretado. Isso dentro de uma inseparabilidade entre homem e mundo, dentro da dobra homem-mundo que se manifesta em sua carne, no entre das relações, no ser-corpo, no corpo-mundo, no ser-situado. “E não à toa, a mistura alquímica e desejante é impulso que está para além da intelecção, pois fundada nas forças, na energia daquilo que é mistério” (MARANDOLA JR, 2024, p.154).

Aqui, lembramos de Bispo dos Santos (2023a), quilombola, afirmando o que, para ele, é o nomear: dominar. Lembrando do sistema colonialista, afirma que nomear algo está associada ao desejo de comandar, como, inclusive, fazia com os animais que tomava conta. Seu pensar contracolonial, aterrado em seu território quilombola, expondo seu olhar afro-brasileiro, por outro lado, vislumbra conceitos formulados em sua existência, como *confluência*, um termo que usa. “Confluência foi um conceito muito fácil de elaborar porque foi só observar o movimento das águas pelos rios, pela terra” (BISPO DOS SANTOS, 2023b, p.13). A fenomenologia e o olhar afro-brasileiro de Nego Bispo, então, se encontram no refúgio por um enquadramento das ideias a partir da dualidade cartesiana, associando-se a um aterramento daquilo que se percebe a partir de sua própria circunstancialidade.

Marandola Jr se questiona, posto isso, de quais seriam as consequências da fenomenologia para a ciência. Segundo ele, a primeira é a dificuldade de incorporar o pesquisador no circuito hermenêutico para além de uma direção enquadradora, mas corporalmente situado: ontológica. Assim, a segunda é: o sentido, portanto, não está pronto, é vivência situada, ou seja, mais do que descrever, é testemunhar o desvelamento da significação, superando o racionalismo e empirismo que supõe o pensar exclusivamente como cognição.

A ciência existencial se constituiria a partir da própria facticidade do ser-no-mundo, ou seja, do *Dasein*. Esta precisa afetar o gosto, no sentido da afetação. Não se trata, portanto, de uma ciência ôntica. Heidegger vislumbra para essa ciência o horizonte ôntico-ontológico da mundanidade, voltado para a historicidade do *Dasein* (MARANDOLA JR, 2024, p.161)

E como escrever nesse processo experiencial? Ela não deve se portar da forma tradicional, “é necessário que a escrita permita ao leitor a experiência do desvelar do fenômeno (...), incluindo silêncios, sombras e desvios” (MARANDOLA JR, 2024, p.162). A escrita, assim, deve ser viva, fugindo das afirmações, mas afirmando o movimento do pensamento que acontece na experiência,

também no texto. Para isso, lembremos: “a potência está justamente na circunstancialidade e situacionalidade da existência” (MARANDOLA JR, 2024, p.162). Assim, Marandola Jr finaliza o texto com um recado: o livro não tem anseio de cercar metodologicamente uma abordagem. “Ensinar-aprender fenomenologia, portanto, não é seguir uma tradição, mas dialogar com ela, como experiência hermenêutica, a partir de nossa própria situacionalidade histórica e geográfica” (Marandola Jr, 2024, p.164/165). E mais: “é ajudar a construir possibilidades para que perspectivas múltiplas vigorem” (MARANDOLA JR, 2024, p.165).

Cultivando, assim, outras epistemologias, como já havíamos trazido com Nego Bispo, por que não cogitar, quando na EF retomamos os jogos indígenas e perspectivas afro-brasileiras na escola, a fenomenologia como meio de se investigar, ao passo que, longe da metafísica e racionalidade branco-europeia, não estamos mais próximos e, assim, mais fidedignos àquilo que esse pensamento pode contribuir – semelhante ao que faz Trammel (2023) sobre o jogo? Se os estudos de gênero no esporte crescem com a demonstração do escanteamento de mulheres em altos cargos, por que não trazer a fenomenologia como meio de realizá-los, na medida em que provoca a possibilidade de o sentido nesse processo se mostrar na experiência particular de quem o sofre – algo que, por exemplo, na filosofia do esporte, com destaque, fazem Hackerott *et al.* (2024b)? Ou, como Keesler (2024), não assumir a situacionalidade para pensar a relação particular do esporte com a concepção da corporeidade trans? O potencial de olhares que não se comprometam com a universalidade do conhecimento, promovido por uma perspectiva masculina, branca, hetero e cis, mas com a situacionalidade própria de quem a realiza parecem ser capazes de trazer à tona as questões que, justamente, tanto são clamadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter; GHIDETTI, Felipe Ferreira. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. **Educación Física y Ciencia**, v. 15, n. 2, p. 1-16, 2013. Disponível em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2314-25612013000200001. Acesso em: 11 set 2025.

AQUINO, Rodrigo Leal de Queiroz Thomaz de; MENEZES, Rafael Pombo. Abordagens tradicionais e centradas no jogo para o ensino dos esportes coletivos de invasão. **Conexões**, v. 20, p. 1-31, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8666344>. Acesso em: 11 set 2025.

BELO, Rafael; MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Mapeamento do método fenomenológico nas pesquisas em educação no Brasil. **Filosofia e Educação**, v. 14, n. 1, p. 136–166, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668099/29313>. Acesso em: 11 set 2025.

- BETTEGA, Otávio Baggio; MACHADO, João Cláudio; PASQUARELLI, Bruno Natale; AQUINO, Rodrigo; SCAGLIA, Alcides José. *Pedagogia do esporte: bases epistemológicas e articulações para o ensino esportivo*. **Revista Inclusiones**, v. 8, 2021. Disponível em: <https://revistainclusiones.org/index.php/inclu/article/view/3008>. Acesso em: 11 set 2025.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023a.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. Somos da terra. In: CARNEVALLI, Felipe; REGALDO, Fernanda; LOBATO, Paula; MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (Orgs.); **Terra: antologia afro-ameríndia**. São Paulo/ Belo Horizonte: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023b.
- CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.
- GALATTI, Larissa Rafaela; REVERDITO, Riller; SCAGLIA, Alcides José; PAES, Roberto Rodrigues; SEOANE, Antonio. *Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos*. **Rev. Educ. Fís/UEM**, v. 25, n. 1, p. 153–162, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/refuem/a/TmSL4WC7smH9TmQRDXCdZ7Q/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 set 2025.
- HACKEROTT, Maria Altimira.; ZIMMERMANN, Ana Cristina.; SAURA, Soraya Chung. The phenomenology of image and enthusiasm for the experience of foiling sailboats. **Leisure Studies**, v. 43, n. 1, p. 122–133, 2024a. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02614367.2023.2182343>. Acesso em: 11 set 2025.
- HACKEROTT, Maria Altimira; ZIMMERMANN, Ana Cristina; SAURA, Soraya. Chung. Between adventure and delicacy: sailing as a powerful experience for women. **Journal of the Philosophy of Sport**, v. 51, n. 2, p. 239–252, 2024b. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/00948705.2024.2330985>. Acesso em: 11 set 2025.
- KEESLER, Jordan. Auto-Phenomenographical Understandings of Transness: Lessons in the Self. **Sociology of Sport Journal**, v. 42, n. 4, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/ssj/aop/article-10.1123-ssj.2024-0005/article-10.1123-ssj.2024-0005.xml>. Acesso em: 11 set 2025.
- MARANDOLA JR, Eduardo. **Ensinar-Aprender Fenomenologia: trilhas de um pensar e de um fazer pela experiência**. Teresina: Cancioneiro, 2024.
- MARQUES DA SILVA, Ana Carolina; GEHRES, Adriana de Farias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. O método fenomenológico como possibilidade para a pesquisa em educação física. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 11, n. 27, p. 584–604, 2023. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/592>. Acesso em: 11 set 2025.
- MOREIRA, Wagner Wey. Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica - o relato de uma caminhada. **MOTRICIDADES: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, v. 9, n. 1, p. 88–98, 2025. Disponível em: <https://motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2025-v9-n1-p88-98>. Acesso em: 11 set 2025.
- ROACH, Eduardo Francisco Freire. Pesquisa abordagem fenomenológico-hermenêutica e pesquisa em educação: um estudo de vigilância epistemológica. **Educação Temática Digital**, v. 10, n. 1, p. 198–226, 2008. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1024>. Acesso em: 11 set 2025.
- TRAMMEL, Aaron. **Repairing play: a Black phenomenology**. Cambridge: The MIT Press, 2023.

NOTAS DE AUTOR

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos ao CEPECE (Centre de Pesquisas em Ciências do Esporte) da Faculdade de Ciências Aplicadas e ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA - Não se aplica.

FINANCIAMENTO - Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM - Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência - ISSN 2175-8042** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](#) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

EDITORA DE SEÇÃO

Letícia de Assis

REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS

Giovani De Lorenzi Pires

HISTÓRICO

Recebido em: 27/05/2025

Aprovado em: 09/09/2025

